



UM MARXISMO PÓS-MODERNO? DERRIDA E A CRÍTICA AO TELECAPITAL

Eduardo Gusmão de Quadros*

Há muitos enfoques sobre o pós-modernismo. A pluralidade de definições, abordagens e teorias não deve, todavia, nos inquietar. Primeiramente, tal pluralidade confirma que algo novo está acontecendo com o mundo nas últimas décadas. O prefixo “pós” pode até ser questionável, mas os autores que propõem outros conceitos⁶⁴ não deixam de notar um conjunto de transformações recentes em diversos campos sociais. Em segundo lugar, percebe-se na riqueza dessa problemática o intermitente desafio de conferir certa coerência aos processos históricos do mundo contemporâneo.

Quando tais mudanças começaram a ser apontadas? A palavra em si tem origem um pouco mais antiga⁶⁵, assumindo o sentido atual na década de setenta. O termo foi aprofundado numa série de conferências proferidas pelo filósofo Jean-François Lyotard (1986) naquele período. Ele indica com o termo *pós-modernismo*:

- a) o conjunto de transformações ocorridas na sociedade, na ciência e nas artes no início do século XX;
- b) a crise da metafísica no pensamento ocidental, passando os valores para conteúdos de teor técnico;
- c) a mercantilização do saber, tornando-se “a principal força de produção” (1986, p. 5) da sociedade pós-industrial;

* Doutor em História. Professor na Universidade Estadual de Goiás. eduardo.hgs@hotmail.com

⁶⁴ Pode-se optar desde as metáforas “líquidas” de Baumann (1998 e 2001) até as caracterizações de sociedade “pós-tradicional” e “reflexiva” de Giddens (1990 e 1997). A nosso ver, mais importante que os nomes dados, é a compreensão deste conjunto de processos relativamente articulados de ruptura com certas tendências herdadas do mundo moderno e aprofundamento de outras. Notamos uma resistência dos autores marxistas em adotarem o conceito, exemplificado por Jameson (1997).

⁶⁵ A expressão veio da arquitetura dos anos Trinta do século Vinte e depois foi aplicada a outras áreas.



- d) a crise das legitimações institucionais, ou seja, do poder estatal, eclesiástico e escolar para ditar normas e prescrições aceitas socialmente;
- e) o fim das crenças nas *metanarrativas*, tanto as especulativas quanto as emancipatórias (1986, p. 69).

Jacques Derrida tem sido considerado no Brasil, certamente por influência da apropriação norte-americana, um pensador pós-moderno. Além de não ter utilizado o termo, ele se insurge contra essas características. A obra que escreveu sobre Marx, por sinal, é uma prova concreta de que as metanarrativas estão em plena vivacidade hoje, propiciando uma escatologia socialmente aceita. Por outro lado, sua abordagem do pensamento marxiano ressalta justamente a viabilidade da esperança emancipatória.

A crítica da crítica

O pensador argelino também tem sido chamado de “filósofo da desconstrução”. Este foi um conceito que formulou ainda no início de sua carreira de professor na França, durante os anos sessenta. Não diríamos que é seu conceito mais importante, porém podemos considerá-lo um conceito-chave de seu pensamento. Certamente, tem sido um dos mais debatidos.

Se ocorre tal debate, é porque não se trata de um conceito de fácil compreensão ou aplicabilidade. Primeiramente, portanto, devemos afastá-lo da simples destruição. Foi tentando traduzir para a língua francesa o conceito heideggeriano de *destruktion*, por sinal, que ele chegou ao termo.

Esse problema da traduzibilidade o acompanha, pois a desconstrução não remete a modelos *pré-construídos*. Em certo sentido, rompe com as estruturas, sejam elas linguísticas ou semânticas, o que dificulta sua apreensão. No fundo, ela simplesmente acontece, cotidianamente, na história (Derrida, 2004, p. 307). Numa ocasião, Derrida dissera ser a desconstrução “o impossível que acontece” (2001a, p.78). Dá para traduzir o impossível?



Foi justamente tratando da sua difícil tradução que o filósofo teceu interessantes comentários acerca do conceito formulado⁶⁶. Mas ele não é uma fórmula, nem pretende ser um conceito, no sentido filosófico da palavra. Por isso, toda “definição” pode ser imediatamente desconstruída. “Toda afirmação a desconstrução é X, carece *a priori* de toda pertinência”, escreveu (Derrida, 1997, p.26). O trabalho (do) negativo é uma via melhor para a compreensão, ou para a tradução, ou para a percepção, ou para os três.

O negativo está na palavra através do “des”. Esse *não* implica a resistência, a força de fuga das tentativas de apreensão. Desconstruir é uma tarefa, um trabalho, sem ser necessariamente um ato, pois não está diretamente relacionada a um sujeito. Igualmente, “não é uma análise, nem uma crítica, (...) não é um método” (1997, p. 24). Está na ocorrência singular de cada situação enfrentada.

O pensador brasileiro Silvano Santiago, portanto, acerta quando afirma que a desconstrução visa o desmonte dos “alicerces logo-fono-etnocêntricos dos conceitos” (1976, p.17), ou seja, identificar as fissuras das bases metafísicas do ocidente. Porém, desconstruir não é apenas “descoser” (*idem*, p. 19). A construção também faz parte do termo, também é uma tarefa afirmativa nunca terminada. Conforme Derrida, “é antes de tudo a reafirmação de um ‘sim’ originário” (2004, p. 350).

Ambos os lados, o “não” e o “sim”, trazem o trabalho desconstrutivo para o âmbito da política. Bennington, por sinal, comenta dos constrangimentos surgidos na recepção anglo-saxônica da obra derridiana quando a ênfase no afirmativo fora percebida (1996, p. 138). Enquanto se confundia com um método crítico, a desconstrução com a demolição, tudo parecia academicamente confortável. Isso é relativamente fácil, confundindo-se com o próprio papel do intelectual. Mas a crítica da crítica, sua superação dialética, torna-se um problema. Des-construir é o problema, sem resposta e sem definição.

⁶⁶ O texto chama-se “Carta a um amigo japonês” (1997), ajudando um filósofo daquele país a traduzir os textos de Derrida para a língua nipônica.



Apropriações impróprias

Indefinido, porque não tem fim. Os processos desconstruíveis acontecem interpelando o pensamento e a ação. Pro-vocam a responsabilidade política dos chamados intelectuais convidando-os para o que não se pode responder. A resposta responsável é infinita. Claro, que ela é de todos, pois *cuidar* da fala, da reflexão e da intervenção pertence ao humano, lutando-se contra a atuação do anti-intelectualismo vigente nos tempos atuais. Para Derrida,

O intelectual se qualifica com tal, e justifica sua inteligência presumida, unicamente no instante do engajamento inventivo: na transação que suspende, mas também está apto a – inteligentemente – analisar, criticar, desconstruir (essa é uma competência que se cultiva) os horizontes e os critérios garantidos, as normas e as regras existentes, entretanto sem deixar o lugar vazio.... Portanto, inventando ou propondo novas figuras (conceituais, normativas, criteriológicas) de acordo com novas singularidades (Derrida, 2004, p. 212-213).

Note-se a ênfase na abertura, convidando ao fascínio pela instabilidade. Isso é importante para perceber o estilo de leitura a que Derrida submete os textos, inclusive o de Marx. Os sentidos nunca são dados, mas perseguidos no labirinto das palavras, na confusão das letras e espaços em branco. Nesse jogo de ausências e presenças, a *escritura* vai sendo decifrada pelo olho, pelo corpo, pelo sonho, pela dura realidade. Sim, há uma negociação na leitura correspondente à economia escriturária em que estamos inseridos. Texto e real, tão distintos, surgem como se estivessem unificados.

Quem nos ensinou esta operação de costura epistemológica? Não importa, sendo mais relevante demarcar sua reprodução em diversas áreas. A desconstrução denuncia toda e qualquer lógica reprodutiva, rompe com sua imposição sistêmica, aponta suas falhas. Concomitantemente, demonstra que por trás da reprodução estão formas de apropriação, operações que transformam coisas e idéias em propriedade. Foi isso que ele aprendera com seu grande mestre Althusser, o perigo de cair na contaminação do cálculo que apropria e reapropria manipulatoriamente (Derrida, 1990).



Podemos, nesse sentido, repensar o materialismo advindo do capitalismo. Marx não denunciara que o sistema capitalista corrói todas as esferas da vida social? Não somente isso, mas o capitalismo produz, dentre outras coisas, uma metafísica envolvente. O pensador argelino construiu suas teorias combatendo exatamente as modalidades disfarçadas sob as quais tal metafísica se apresenta. Existe a possibilidade de um materialismo *fora* do capitalista, além do idealista, afirma:

... Existe outro materialismo que subscreveria com mais prazer e que me levaria a materialismos pré-platônicos ou pré-socráticos, que ainda não estavam imbuídos de metafísica. Estaria ligado a Demócrito⁶⁷ e a certo pensamento do azar, da sorte. A teoria do texto, como a entendo, é materialista, se por matéria não se entende uma presença substancial, mas que resiste à reapropriação, sempre idealista... (Derrida, 1986, p. 3).

Essa alternativa foi a que ele, de algum modo, tentou oferecer quando tomou o texto do *Manifesto Comunista* como tema de suas conferências na Universidade da Califórnia, em 1993. O mundo intelectual norte-americano, onde Derrida fez tanto sucesso, ficou assombrado com sua participação em um simpósio marxista. Não tinham notado que a política nunca esteve ausente de suas reflexões. Indo mais longe ainda, o mundo parecia não entender como um pensador tão crítico e questionador podia tomar com seriedade um assunto que já estava em seus últimos suspiros devido ao fim dos socialismos.

Um espectro de esperanças

Era um momento de desmobilização para o movimento operário internacional. Muitos intelectuais de esquerda andavam cabisbaixos com o que parecia ser a vitória do capitalismo. Frases de efeito ressoavam, chavões inspiradores dos antigos combates eram repetidos, mas o golpe fora duro. A postura neoliberal proclamava a todos os pulmões sua vitória histórica.

⁶⁷ Precisamos lembrar que foi sobre o pensamento de Demócrito que Marx escreveu sua tese de doutorado em filosofia?



Um bom momento para reler Marx? Claro que sim, e muitas obras foram produzidas nesse sentido de demonstrar que ele não estava *morto*. Não é o lugar aqui de discutir essas releituras, mas queremos destacar que Derrida não estava sozinho. O espanto talvez venha de quem pronunciava com respeito e seriedade o nome de Marx. Além disso, o famoso pensador se coloca no livro como “herdeiro direto do marxismo” (Derrida, 1993, p. 94).

O que seria receber esta “herança” é um tópico que requer análise cuidadosa. Afinal, os herdeiros são aqueles que trabalham com o que receberam, colocam em circulação os bens, os fazem produzir. Não são *conservadores* que a escondem como um tesouro. Assim, a (re)leitura feita do *Manifesto Comunista* é procriativa, ou, como a intitulou Derrida, performativa (1993, p. 89), por fazer agir. Essa obra, ou esta ação, é fundamental, já que trata daquilo que fora mais atingido nos anos imediatamente anteriores à conferência derridiana. O comunismo manifesto, o dos países que colocavam o nome de Marx enquanto fundamento de seus sistemas econômico-políticos, havia falido. O capital haveria vencido? A Nova Ordem Mundial teria conseguido exorcizar o fantasma do comunismo?⁶⁸

Derrida intitulou o prefácio de seu livro de *exórdio*. Não se trata, todavia, apenas um prólogo, mas de um discurso que está fora (ex) de ordem, que denuncia uma desordem constituinte do *sistema*. O primeiro parágrafo do livro inicia, então, apontando violências contemporâneas. Elas não são geradas por um defeito; são compreendidas enquanto metonímia do que ocorre cotidianamente *dentro* do capitalismo. Os lugares e as épocas se deslocam e ali está sua realidade manifesta, dando sentido àqueles fatos sem sentido. Sim, porque o assassinato de uma pessoa não pode ser metáfora de nada: apresenta o irrepresentável, o “fora do símbolo”, o “nome próprio” (1993, p. 11).

A segunda parte da obra foi intitulada de *exergo*. Novamente, uma palavra complexa. Significa em português a inscrição em uma moeda ou o lugar onde se pode

⁶⁸ Óbvio que estamos nos referindo à primeira frase do *Manifesto*: “Um espectro ronda a Europa, o espectro do comunismo” (2000, p. 13). Essa assertiva é um dos temas mais importantes da obra de Derrida sobre o marxismo.



fazê-lo. O nome próprio de Karl Marx está, destarte, inscrito nas moedas do capitalismo e não se pode pensá-lo sem ele. Por outro lado, em grego *ergon* significa força ou ação. A obra marxiana permanece nos impelindo, questionando, inquietando a cada morte causada no sistema, pelo sistema e por causa do sistema.

O espectro de Marx continua rondando a Europa. A ordem do liberalismo é para assassiná-lo, para não deixá-lo livre e esconjurá-lo (1993, p. 107). Contudo, os fantasmas são indestrutíveis, já estando “relativamente” mortos. Permanecem nesse estado indecível, intermediário, fazendo mediações necessárias entre passado e futuro (1993, p. 16). Não há presente sem passado, assim como não há futuro sem espectros. Ainda mais o de Marx que, defendendo tanto a justiça, tornou-se indesejável.⁶⁹

O espectro da revolução permanece, pois, lembrando seu sentido original astronômico, ela trata do retorno, reinstaurando a órbita (cf. Arendt, 1988). O revolucionário Marx (1982) não falava da volta ao comunismo e do fim da propriedade privada, como o começo da história? A ideologia liberal, no início dos anos noventa do século passado, abordava o fim da história como uma realização do capitalismo, no capitalismo, pela causa capitalista (Fukuyama, 1991). Esta proclamação será o tema central do segundo e terceiro capítulos do livro de Derrida. Contra o *telos* religioso-cristão que embasa tal concepção, o pensador argelino coloca a potência infinita da emancipação, a abertura do tempo sem messias, a riqueza “capital” deixada por Marx e por seus herdeiros (1993, p. 64).

Nos umbrais da obra

A riqueza semântica dos subtítulos demonstra a complexidade do texto derridiano. O livro é como um labirinto e, na primeira vez que o lemos, precisamos confessar, nos perdemos entre tantas relações, cruzamento de palavras e citações. Somente mais tarde podemos perceber a originalidade pertinente lançada através da escrita. Sim, a escritura tem relação com as origens e os fins, assim como o *Manifesto*.

⁶⁹ Ressaltamos que, conforme Derrida, a justiça não pode ser desconstruída, pois é seu princípio.



O estilo da escrita de Derrida inscreve a indeterminação, brincando com as regras do jogo entre texto e leitor. Ele aponta os sentidos possíveis das palavras que, no fundo, remetem aos sentidos possíveis da história. Nada é claramente manifesto, muito menos o futuro. Mas o marxismo não tem sido criticado por causa de sua teleologia? Marx não teria errado em suas previsões? Não conforme a ótica derridiana, pois o futuro só se manifesta enquanto promessa, nunca poderá ser descrito (Derrida, 1993, p. 168).

A história e o texto são difíceis de interpretar. Por isso, temos de estar atentos contra as leituras apressadas, como a que proclamava o “fim do socialismo”. Isso não é uma constatação, é fruto de uma vontade, de uma tentativa de controle sobre os sentidos e acontecimentos. Portanto, o discurso neoliberal aprisiona, pretende adaptar a matéria real aos seus esquemas ideais (Derrida, 1993, p. 143). Já o pensamento crítico de Marx rompe com os esquematismos simplistas porque busca exatamente uma nova liberdade.

Romper com os roteiros lineares (do texto ou da história) é combater uma leitura usurária. Mais uma sobredeterminação do capitalismo: a interpretação que apropria, torna próprio e utilizável o sentido, ao modo da moeda. Tal reificação, naturalmente, é ideológica, servindo de base para a lógica reprodutiva e para o ideal de repetição impetrado pela burguesia (Derrida, 1993, p. 183). Um novo modo-de-produção do significado requer engajamento revolucionário.

Tudo isso porque busca-se o novo. O tecno-capital insiste em anular a novidade, em fechar a livre concorrência semântica na clausura metafísica. Entretanto, fantasmas não podem ser aprisionados. Tentativas desesperadas como o Fascismo e o Nazismo já foram tentadas, mas o espírito do comunismo continua intempestivo, promovendo o “desajustamento do contemporâneo” (Derrida, 1993, p. 162).

A diferença, o desajuste, a disjunção aponta para a perenidade da promessa e da oportunidade da crise, qualquer que seja a proclamada Ordem Mundial. A desconstrução ocorre no movimento da história, ressaltando suas contradições. Já a “igualação” promovida pelo capitalismo trás em si um ato de injustiça⁷⁰, sendo

⁷⁰ Em outro lugar, Jacques Derrida chamou a atenção para essa grande capacidade do capitalismo de “absorver dentro de si suas próprias contradições, sua própria negatividade” (2005, p. 44). Portanto, a



considerada por Derrida uma verdadeira tragédia (1993, p. 39). Marx chama a humanidade para começar de novo, algo novo.

O comunismo, destarte, ainda está por vir. Assim como a democracia (Derrida, 2004, p. 335). Eles nunca se completam ou, nas palavras do autor, “nunca cessam de chegar” (Derrida, 1993, p. 190). Não há *um* fim da história, como pretendiam os teólogos capitalistas. A crítica dessa religião, como diria Marx, continua sendo uma premissa para toda crítica⁷¹.

Todo fim da história é um anacronismo (Derrida, 1993, p. 39), igualando (*ana*) dimensões, lugares e tempos (*cronos*) distintos. Marx chama para um trabalho contrário: enfrentar a temporalidade radical. Sua base está na “heterogeneidade estrutural” do histórico (Derrida, 1993, p. 193). Na ótica derridiana, portanto, o pensamento marxiano constitui uma Heterologia. As mudanças criarão sempre oportunidades para agir, seguindo um tempo *kairótico*⁷² de luta pela justiça. Assim, Marx está sempre atual, presente e virtual, ou seja, permanece como um fantasma assombrando o capitalismo.

A fantasmagoria do tele-capital

Sim, trata-se de uma batalha entre fantasmas, semelhante à de classes. O capitalismo busca reiteiramente assassinar quem tentou destruí-lo. Mas o espírito de Marx, e de quem como ele lutou pela justiça, tornou-se indestrutível⁷³. Verdade que existem distinções a fazer: o sistema capitalista gera mais simulacros e espectros do que

diferença torna-se ideologicamente neutralizada, impedindo o “si” de manifestar-se propriamente. Em outros termos, o capitalismo é essencialmente alienante.

⁷¹ “... a crítica da religião é a premissa de toda crítica”. Assim começou Marx sua “Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel” (Marx e Engels, 1979, p. 93).

⁷² Na língua grega, além de *cronos* para referência ao tempo, utilizava-se o termo *kairos*. Este significa o tempo da oportunidade, o tempo para agir.

⁷³ Lembrando o que dizia Benjamin nas suas Teses sobre a História: “Em Marx, ela se apresenta como a última classe escravizada, a classe vingadora que, em nome de gerações de derrotados, leva a termo a obra de libertação” (cf. Lowy, 2005, p. 108). A classe trabalhadora traz em si, destarte, todos os espíritos revolucionários a remir a humanidade.



espíritos⁷⁴. Um quê de falsidade, de ilusório, compõe sua produção. Isso corresponde ao chamado, nos termos marxistas, nível ideológico da sociedade. Que também está na base do capital, esse *arche-espectro* (Derrida, 1993, p. 221). O último capítulo do livro está voltado exatamente para a releitura do famoso capítulo da obra marxiana onde ele denuncia o fetichismo da mercadoria. O tele-capitalismo da atualidade é, afinal, uma máquina geradora de espectros e Marx foi *caça-fantasmas*, um grande exorcista (Derrida, 1993, p. 222)⁷⁵.

A geração ininterrupta de simulacros envolve tanto as coisas quanto as pessoas, tanto a natureza quanto a cultura, bem como os possíveis vínculos entre si. Isso seria uma determinação, em última instância, da *tecno-economia* (Derrida, 1993, p. 270). A virtualização do atual sistema econômico-político, que, desse ponto de vista, não tem nada de tão novo, requer dos intelectuais acuidade para pensar um novo conjunto de conceitos sem opor o espaço-tempo virtuais à lógica da presença e da representação.

A crítica ideológica permanece enquanto tarefa, identificando, como Marx, os fantasmas a serem esconjurados. Se havia uma *Ideologia alemã*⁷⁶, hoje poderíamos falar numa ideologia do global, dentro da qual o mundo acadêmico acaba confortavelmente inserido (Derrida, 1993, p. 93). Levar a sério as tentativas de superar a “metafísica do capital” (Derrida, 1993, p. 239) é algo a que nos instiga tanto o espírito de Marx quanto o, agora, de Jacques Derrida. A *diferença*⁷⁷ do futuro, que nunca será (d) escrita, é quem coloca tal desafio.

⁷⁴ Simulacros e espectros precisam de corpos para surgir, já o espírito está fora do tempo e do lugar, encarnado enquanto promessa (Derrida, 1993, p. 217).

⁷⁵ No mesmo sentido é afirmado que a obra *O capital* é o “manual de exorcismo” da modernidade (id., p. 259).

⁷⁶ Por um longo trecho deste último capítulo, o filósofo francês retoma o combate de Marx às concepções de Max Stirner exposto na *Ideologia alemã*. Há, inclusive, uma lista de dez espectros encontrados naquele autor a serem exorcizados: O ser supremo, Deus; o ser ou as essências; a vaidade do mundo; as hierarquias entre os seres ou sua divisão entre bons e maus; o ser e seu reino; os seres (metamorforseados); a divinização do homem; o homem-abstrato; o espírito do povo e o nacionalismo; o todo (Derrida, 1993, p. 226-234). Reproduzimos aqui a lista porque tais categorias onto-teológicas ainda circulam bastante em nosso meio.

⁷⁷ Com esse termo, escrito de maneira “diferente”, mas de modo a manter idêntica sonoridade quando lida, Derrida formula um “conceito econômico designando a produção do diferir” (1973, p. 29). As traduções no Brasil seguiram as de Portugal preferindo traduzir por diferença, o que não mantém o jogo

**Referências bibliográficas**

- ARENDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Ática, 1988.
- BAUMANN, Zygmunt. *O mal estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMANN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria B. N. e Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DERRIDA, Jacques. *Positions*. Paris: Éditions de Minuit, 1972.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, Jacques. *Do materialismo não dialético*. Revista Culturas, 69, 3 de agosto de 1986, pp.3-4.
- DERRIDA, Jacques. Louis Althusser. *Les Lettres Françaises*, num.4, 1990.
- DERRIDA, Jacques. *Donner le Temps*. Paris: Galilée, 1991.
- DERRIDA, Jacques. *Acts of literature* (ed. Derek Attridge). New York: Routledge, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *Spectres de Marx*. Paris: Galilée, 1993.
- DERRIDA, Jacques. *Carta a um amigo japonês*. In: El tiempo de una tesis: desconstrucción y implicaciones conceptuales. Barcelona: Proyectos A Ediciones, 1997, pp. 23-27.
- DERRIDA, Jacques. *A universidade sem condição*. Trad. Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. Trad. Evandro Nascimento. São Paulo: Estação liberdade, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *La sociedad del pós-consumo y el papel de los intelectuales*. Pliegos de Yuste, 3, Salamanca, maio de 2005, pp. 39-46.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. “A vida em uma sociedade pós-tradicional”. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

homofônico do francês *différance*. O conceito tornou-se uma das principais características do pensamento derridiano.



JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-modernismo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

LOWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo editorial, 2005.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. Lisboa: Edições Progresso, 1982.

MARX, Karl. *O manifesto comunista*. Petrópolis, Vozes, 2000.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sobre la religión*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979.

SANTIAGO, Silvano. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.